



GOVERNO DO ESTADO DO PIAUÍ
UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ – UESPI
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO – PROP
COORDENAÇÃO DE HISTÓRIA – CAMPUS HERÓIS DO
JENIPAPO



MARCELO FERREIRA DA SILVA
GARIMPANDO MEMÓRIAS: O TRABALHO E AS VIVÊNCIAS DOS
GARIMPEIROS DAS MINAS DE OPALA DE PEDRO II- PI

Monografia Final de Conclusão de Curso
para obtenção do título de graduado em
História pela UESPI, orientada pelo Dr.
Edmundo Ximenes Rodrigues Neto.

CAMPO MAIOR – PI

2024

Dedico esse trabalho à minha mãe, Aurivane, que é minha luz e meu chão, ao meu pai, Gerardo, e à parte da minha família que me incentivou na realização desse sonho. Dedico também de forma especial, a todos os garimpeiros de opala pedrossegundenses.

RESUMO

O objetivo deste trabalho foi reconstruir as memórias dos garimpeiros que trabalham nas minas de opala em Pedro II, Piauí, com o intuito de destacar a importância dessas memórias. A metodologia utilizada foi a história oral, por meio de entrevistas com os garimpeiros, além de documentos locais e bibliografias relacionadas ao tema. O desenvolvimento da pesquisa ora apresentada discute as relações entre trabalho, memória e identidade, destacando o histórico da garimpagem no Brasil, as condições de trabalho no passado e a importância dos garimpeiros de Pedro II na construção de identidade cultural. Por fim, conclui-se que o trabalho, a memória e a identidade estão interligadas no contexto do garimpo, ressaltando a importância de compreender e valorizar essas conexões para a história da garimpagem e dos garimpeiros.

Palavras-chaves: Garimpeiros; Memória e Identidade Local.

ABSTRACT

The objective of this work was to reconstruct the memories of the miners who work in the opal mines in Pedro II, Piauí, in order to highlight the importance of these memories. The methodology used was oral history, through interviews with the miners, as well as local documents and bibliographies related to the topic. The development of the research presented here discusses the relationships between work, memory, and identity, highlighting the history of mining in Brazil, the working conditions in the past, and the importance of the miners of Pedro II in the construction of cultural identity. Finally, it concludes that work, memory, and identity are interconnected in the context of mining, emphasizing the importance of understanding and valuing these connections for the history of mining and miners.

Keywords: Miners; Memory and Local Identity.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	05
2. TRABALHO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: conexões que se alinham para o entendimento das vivências no garimpo.....	07
3. BREVE HISTÓRICO DA GARIMPAGEM NO BRASIL.....	11
3.1 Ouro: o brilho que cobre de sangue a terra "desbravada"	11
3.2 Nas entranhas da terra: a descoberta, a extração de ouro e o arrancar de gente e de vidas	14
3.3. Desafios e impactos da mineração em Serra Pelada: uma busca pela abordagem sustentável e responsável.....	19
4. MINAS DE MEMÓRIAS E BURACOS DE QUESTÕES.....	22
4.1 Cidade imperial, Reis das opalas: o ingresso na atividade e a trajetória dos garimpeiros de Pedro II.....	25
4.2 O Garimpo é um “bom lugar!?”.....	29
4.3 Garimpeiros: condições de trabalho.....	31
4.4 “História de garimpeiro”: contos assombrados que circundam os garimpos e sua importância para construção de identidade cultural.....	34
4.5 “Pra garimpeiro não falta nada”: vida social e financeira dos garimpeiros pedrosegudenses.....	36
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	38
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	39

1. INTRODUÇÃO

Durante minhas experiências e convívio na cidade de Pedro II, sempre ouvi falar sobre a preciosidade e a importância da pedra de opala. Esse assunto despertava em mim uma grande curiosidade, fazendo-me questionar sobre o processo de extração e as pessoas envolvidas nele. Certa vez, tive a oportunidade de visitar o garimpo da comunidade Roça dos Pereiras, que ficava a poucos quilômetros, como parte de um projeto escolar. Ansioso por esse momento, ao adentrar o cenário do garimpo, percebi que eu havia romantizado demais o trabalho e a figura dos garimpeiros, pois imaginava que a garimpagem era uma atividade simples e segura.

Iniciei minha graduação em História e, desde o começo, sentia um grande desejo de realizar uma pesquisa sobre memória. Ao longo do curso, essa vontade foi se fortalecendo. Durante a disciplina de iniciação à pesquisa histórica, o professor Edmundo Ximenes nos provocava com questionamentos que despertaram em mim lembranças dessa minha antiga curiosidade, que surgira ainda na época de escola. Foi assim que decidi pesquisar sobre as memórias, vivências e trabalhos dos garimpeiros nas minas de opala de Pedro II, no Piauí.

Os garimpeiros são figuras fundamentais na extração de opala no município de Pedro II. No entanto, é evidente que a narrativa desse grupo não recebe a devida atenção e exploração, principalmente devido à ênfase que a historiografia dá aos grandes eventos e à história dos privilegiados. Nos últimos anos, observa-se que essa perspectiva tem passado por transformações, o que é extremamente importante. Assim, é necessário que os meios acadêmicos e a população como um todo enxerguem esses trabalhadores sob um novo ponto de vista, de modo a desconstruir estereótipos relacionados a esse grupo minoritário que se esforça para que a opala brilhe nas vitrines das lojas.

O objetivo do trabalho é reconstruir as memórias dos garimpeiros sobre seu trabalho nas minas de opalas de Pedro II- Pi, com o intuito de elucidar a importância dessas memórias. A pesquisa é oportuna e relevante, pois essas memórias narram as experiências vividas, o trabalho realizado e os conhecimentos excepcionais na construção e valorização dessa profissão, assim como na história local.

Para o desenvolvimento do "garimpo de memórias", a pesquisa utilizou a metodologia da História Oral, que envolveu a mobilização e entrevistas com os indivíduos centrais. A coleta de dados abrangeu os garimpeiros de dois dos principais garimpos localizados no município de Pedro II. Foi dada uma atenção especial e prioridade às memórias e relatos dos sujeitos que possuem uma longa experiência na vida garimpeira. Além das fontes orais, a pesquisa também se baseou em documentos locais e bibliografias relacionadas ao tema abordado, como o garimpo no Brasil, a história oral, o trabalho e a memória.

As partes 2 e 3 deste texto abordam discussões sobre trabalho, memória e identidade, que são conexões essenciais para compreender as experiências vividas no garimpo. Além disso, apresenta-se um breve histórico da atividade de garimpagem no Brasil, destacando as condições de trabalho e as características dos garimpeiros nos séculos passados. Também são explorados o garimpo em Minas Gerais e a corrida do ouro em Serra Pelada.

Na parte 4, é analisada a trajetória dos garimpeiros de Pedro II, destacando sua incansável busca pela opala. Nesse contexto, são discutidas as condições de trabalho, a vida social e financeira desses garimpeiros. Além disso, são mencionados os contos assombrados que circundam os garimpos, enfatizando a importância dessas narrativas para a construção da identidade cultural dos garimpeiros.

Por fim, verificou-se que o trabalho, a memória e a identidade estão intrinsecamente ligadas no contexto do garimpo. A história, as condições de trabalho e as características dos garimpeiros nos séculos passados evidenciam a importância desses aspectos para as vivências nesse campo. Além disso, a busca incessante pela opala em Pedro II e os contos assombrados que rodeiam os garimpos são elementos que contribuem para a construção da identidade cultural desses garimpeiros. Portanto, compreender e valorizar essas conexões é fundamental para colaborar com o universo da história da garimpagem, especialmente, dos garimpeiros.

2. TRABALHO, MEMÓRIA E IDENTIDADE: conexões que se alinham para o entendimento das vivências no garimpo

O trabalho, memória e identidade são conceitos intrinsecamente relacionados, uma vez que a forma como nos lembramos de experiências passadas molda nossa própria identidade forjada ao de nossa trajetória. Daí a importância de explorar a interseção desses elementos, analisando como o trabalho também se torna um elemento significativo na formação de nossa memória e identidade, destacando a maneira como as experiências de classe moldam quem somos. Tais conexões pode ajudar a compreender a experiência dos trabalhadores no garimpo.

Uma obra em que colabora para este entendimento é a de Thompson (1987) que discute experiência e classes sociais. Na obra "A Formação da Classe Operária Inglesa", o autor analisa a experiência dos trabalhadores na Inglaterra durante o período de industrialização, explorando o impacto das condições de trabalho, das lutas sindicais e das transformações sociais na formação de uma classe operária consciente de si mesma. Thompson (1987) usa uma abordagem historiográfica detalhada e minuciosa para retratar as experiências individuais e coletivas dos trabalhadores, mostrando como essas experiências contribuíram para a construção da identidade de classe e da consciência de classe entre os trabalhadores.

Para Thonpson (1987) não existem classe sociais abstratas, que existem por si mesmas e nem são resultado imediato e determinado pela situação econômica. Classes sociais são historicamente constituídas a partir de situações concretas, agindo conforme interesses e valores forjados pelas explorações, conflitos, resistências e partilhas dentro de experiencias vivenciadas em comum.

Partindo, portanto, da compreensão de que a memória e identidade é parte essencial para resgatar e sobretudo trazer o que há de mais aflorado nas experiencias de trabalhadores, então é necessário compreender tais conceitos para contextualização.

José D'Assunção (2019) destaca que a memória, em seu sentido cotidiano, é frequentemente vista como um processo limitado de lembrar o passado. No entanto, é importante ressaltar que a memória humana, seja recente ou permanente, é biologicamente imperfeita devido a esquecimentos,

distorções, reconstruções, omissões e hesitações. Além disso, há uma visão simplista que associa a memória a um depósito estático de dados, uma mera atualização mecânica de vestígios.

Para Jacques Le Goff (1990), memória é uma construção social e um componente crucial da cultura humana, sendo um processo ativo de recordar e reinterpretar o passado, ao invés de ser uma simples reprodução do passado. Assim como José D'Assunção (2019) destaca que a memória é seletiva e frequentemente distorcida, uma vez que é influenciada pelas experiências e interesses individuais e coletivos.

A memória em Halbwachs (1990) refere-se à visão social da memória, ou seja, como a memória é formada e influenciada pelo contexto social e coletivo em que os indivíduos estão inseridos. As lembranças individuais são moldadas pelos grupos sociais dos quais fazemos parte, como família, comunidade e sociedade em geral.

No texto "Entre Memória e História", Pierre Nora (1993) discute a diferença entre memória e história e a importância desses conceitos na construção da identidade coletiva de uma sociedade. Ele argumenta que a memória é um processo subjetivo e individual, que se baseia nas lembranças e experiências pessoais de uma pessoa. Já a história, por outro lado, é um processo objetivo e coletivo, que busca investigar e interpretar os eventos do passado baseado em evidências.

Nora (1993) ressalta que a memória é seletiva e está sempre em constante mudança, pois é influenciada por diversos fatores, como o tempo, o espaço e as experiências individuais. Além disso, ele destaca que a memória tem um forte componente afetivo e emocional, o que a torna um elemento importante na formação da identidade das pessoas e das comunidades.

Por outro lado, a história é uma disciplina acadêmica que busca reconstruir o passado por meio de documentos, análises e interpretações. Nora (1993) argumenta que a história é um processo que busca objetividade na sua investigação dos eventos passados. Ele destaca a importância do método histórico para separar fatos comprovados da imaginação e mito.

No entanto, apesar das diferenças entre memória e história, Nora (1993) afirma que esses dois conceitos estão inter-relacionados e se complementam na formação da identidade de uma comunidade. Ele argumenta que a memória é

um componente essencial na formação da história, pois é a partir das memórias individuais e coletivas que os historiadores podem reconstruir e interpretar os eventos do passado. Por sua vez, a história também influencia a memória, através de seu papel na criação de narrativas e discursos históricos que moldam a maneira como as pessoas se lembram e interpretam seu passado.

Partindo, portanto, do diálogo entre os autores supracitados (Nora, 1993; Halbwachs, 1990; Le Goff, 1990; D'assunção, 2019) entende-se que quando faço uso da memória para a escrita da história, é importante levar em conta alguns pontos. Primeiramente, a memória não é neutra, mas sim moldada por nossos vínculos sociais e pela cultura em que estamos imersos. É necessário considerar as diferentes perspectivas e experiências dos indivíduos e grupos sociais ao abordar um evento histórico.

Além disso, a memória é falível e está sujeita a distorções. Pessoas diferentes podem ter diferentes lembranças de um mesmo evento, e as lembranças individuais podem mudar ao longo do tempo. Portanto, é importante ter cuidado ao usar testemunhos individuais como única fonte de informação histórica e considerar outras fontes documentais e evidências empíricas.

Outro aspecto relevante é entender que a memória está em constante processo de construção e reconstrução. Ela pode ser influenciada por fatores políticos, sociais e culturais, podendo também ser seletiva, destacando determinados eventos e ausentando outros. É necessário considerar as dinâmicas de poder e as narrativas dominantes presentes na sociedade ao analisar as memórias coletivas.

Por fim, é fundamental ouvir e dar voz às diferentes memórias e perspectivas, buscando uma abordagem mais inclusiva e abrangente. Isso se torna especialmente relevante quando se trata da história de grupos marginalizados, que muitas vezes têm suas memórias silenciadas ou negligenciadas. Por meio de uma abordagem mais plural e crítica da memória, podemos contribuir para uma escrita da história mais completa e precisa.

Tais lembranças colaboram para compreensão das experiências vivenciadas por determinados grupos, segmentos e/ou classes sociais, aqui, especificamente, memória da experiência do trabalho no garimpo em Pedro II no Piauí. Entretanto, fazer um breve histórico do garimpo no Brasil antes de abordar diretamente o objeto de estudo dos trabalhadores do garimpo de opala é crucial para uma

compreensão panorâmica sobre o tema, sobretudo, historicamente enfrentadas pelos trabalhadores nessa atividade.

3. BREVE HISTÓRICO DA GARIMPAGEM NO BRASIL

Garimpar é uma atividade que envolve a busca e a extração de minerais, metais preciosos ou pedras preciosas de depósitos naturais, como rios, leitos de córregos, montanhas, entre outros. O termo "garimpar" pode ser relacionado ao ato de buscar, descobrir ou "conquistar" algo a qualquer custo.

No contexto do processo colonizador português, o termo "garimpar" pode ser associado à exploração intensiva dos recursos naturais das terras expropriadas pelos portugueses. Os colonizadores portugueses buscavam ativamente por oportunidades de enriquecimento, explorando os recursos minerais, como ouro e prata, e as riquezas naturais das colônias, dedicando tempo e esforço para extrair e explorar as melhores opções.

Embora a "determinação" e a "persistência" sejam características inerentes à atividade de garimpagem, é fundamental reconhecer os problemas decorrentes da abordagem violenta e predatória adotada na exploração desses recursos, tanto no passado colonial quanto na contemporaneidade. Muitas vezes, a exploração dos metais preciosos é realizada sem considerar os impactos ambientais ou as consequências para as populações nativas e africanas, bem como para os próprios garimpeiros, que geralmente têm baixa renda e sonham em enriquecer, mas acabam reproduzindo práticas prejudiciais e sendo explorados por influentes atravessadores.

De que forma foi este processo de "busca", de "encontro", de exploração do trabalho relacionado ao garimpo, é o que se pretende verificar adiante em alguns contextos.

3.1 Ouro: o brilho que cobre de sangue a terra "desbravada"

Desde os primeiros contatos dos portugueses com os povos originários desta terra que por meio de processo colonizador violento seria denominada "Brasil", havia um grande interesse no descobrimento de ouro e pedras preciosas. Um fragmento da Carta de Caminha (2019, p.23) evidencia essa intenção: "Nela, até agora, não pudemos saber que haja ouro, nem prata, nem nenhuma coisa de metal nem de ferro; nem lho vimos."

Gomes (2021) confirma que a busca pelo ouro no Brasil era uma antiga obsessão dos portugueses desde as primeiras expedições que percorreram os sertões em busca desse cobiçado minério. Um exemplo disso foi a expedição liderada por Gabriel Soares de Souza, que partiu do litoral baiano em meados do século XVI e adentrou a bacia do rio São Francisco. No entanto, essa empreitada acabou em desastre, culminando na morte do seu comandante. Outras tentativas partiram do atual estado do Espírito Santo, mas também não tiveram sucesso.

Durante os séculos XV e XVI, os espanhóis exploraram os territórios americanos vizinhos e encontraram riquezas minerais, o que lhes proporcionou lucros significativos. Nesse período, a riqueza das nações estava intimamente ligada à quantidade de metais preciosos, como ouro e prata, acumulados. Essa abordagem econômica baseada no acúmulo de metais preciosos, conhecida como mercantilismo, foi amplamente adotada por países como Portugal e Espanha (Gouvea, 2018).

No Brasil, foi somente por volta de 1693 que o ouro foi finalmente encontrado na região de Minas Gerais, por meio das expedições dos bandeirantes. Essas expedições, patrocinadas pela coroa portuguesa, praticaram uma série de violências contra os povos originários, considerados pelos portugueses “bravos” no sentido de “selvagens” e/ou não civilizados.

“Desbravar os sertões” tinha como significado, portanto, conquistar, subjugar, dominar, escravizar, dividir e/ou incorporar de maneira subordinada os povos indígenas à cultura colonialista, com o propósito de apropriar-se das riquezas da terra a todo custo, inclusive através do sacrifício de vidas humanas. Os portugueses nutriam uma forte vontade de explorar as riquezas desta terra, o que resultou na morte de muitos nativos, que eram vistos como obstáculos (De Farias, et.al, 2024).

Para Lima Sobrinho, no clássico “Devassamento do Piauí” (1946), os habitantes locais apresentavam um comportamento contraditório em relação aos portugueses. Alguns dos nativos que eram capturados ou se aliavam aos estrangeiros possuíam um grande conhecimento sobre a região. Por outro lado, havia também aqueles que eram vistos como um obstáculo.

Em uma carta datada de 1542, Duarte Coelho parecia se referir terras do sul da Bahia e do Piauí, ao mencionar que ainda estava em busca de

informações sobre o ouro, recebendo notícias encorajadoras. No entanto, essas notícias vinham de um lugar distante, atravessando seu território interior, onde havia três gerações de indivíduos extremamente “cruéis e selvagens”, que tinham uma postura hostil uns com os outros (Lima Sobrinho, 1946).

Essas menções sobre o ouro presentes na carta de Caminha (2019) e nas correspondências de Duarte Coelho (Lima Sobrinho, 1946) mostram que desde os primeiros momentos de ocupação e/ou “colonização”, o interesse português estava relacionado ao potencial de encontrar metais preciosos no território. O ouro era uma riqueza valiosa na época e representava uma oportunidade de enriquecimento para a Coroa e para os portugueses.

De acordo com Boris Fausto (1994), porém, a busca por metais preciosos nem sempre foi um empreendimento bem-sucedido. Diversas expedições coloniais portuguesas não conseguiram encontrar as riquezas esperadas, o que levou os portugueses a diversificarem suas atividades econômicas, explorando recursos naturais como a madeira, investindo na produção de açúcar e na criação de gado. No Piauí, por exemplo, foi a captura de indígenas e a pecuária as primeiras atividades de exploração por parte dos portugueses. O ouro foi encontrado apenas no século XVII¹ causando impactos sociais, políticos e econômicos na região e na terra “desbravada” e ocupada pelos portugueses.

Na construção histórico-social do que viria-ser Brasil, a busca por metais preciosos desempenhou um papel importante. Os primeiros colonizadores estabeleceram os primeiros núcleos de exploração mineral em áreas como a Bahia, Minas Gerais e Goiás. A descoberta das minas de ouro e diamantes em Minas Gerais no século XVII, por exemplo, foi um marco histórico que impulsionou a economia local e atraiu um grande fluxo de imigrantes para a região (Gomes, 2021).

Além do ouro, outros metais preciosos e minerais como a prata, o diamante e o ferro também despertaram o interesse português ao longo da colonização. A exploração desses recursos naturais foi realizada através do trabalho compulsório dos indígenas e, posteriormente, com a intensificação do tráfico de escravos africanos (Gomes, 2021).

¹ O ouro foi descoberto em 1695, próximo a Sabará-MG, por bandeirantes paulistas.

3.2 Nas entranhas da terra: a descoberta, a extração de ouro e o arrancar de gente e de vidas

As recém-descobertas minas de ouro despertaram o interesse da população portuguesa o que ocasionou um primeiro fluxo imigratório de Portugal para o Brasil, consequentemente iniciou-se na região de Minas Gerais um grande crescimento demográfico e um movimento que se pode classificar como “corrida do ouro” (Fausto, 1994; Gomes 2021).

Durante os primeiros sessenta anos do século XVIII, aproximadamente 600 mil pessoas chegaram ao Brasil, vindas de Portugal e das ilhas do Atlântico. Em média, a cada ano, entre 8 e 10 mil indivíduos de diferentes condições sociais migravam para o país, incluindo pequenos proprietários, padres, comerciantes, prostitutas e aventureiros de todas as espécies (Gomes, 2021).

Segundo Boris Fausto (1994), a interferência da Coroa portuguesa no Brasil durante esse período foi mais intensa devido à exploração de ouro e diamantes. O governo português implementou medidas para regular a vida nas minas e na Colônia, com o objetivo de arrecadar impostos e evitar tumultos causados pela corrida do ouro.

Durante os anos, a Coroa implementou diferentes formas de arrecadação de impostos e tomou medidas para combater o contrabando. No setor de mineração de ouro, a mão de obra africana escravizada era amplamente utilizada, conforme apontado por Souza e Reis (2006, p. 04). Os escravos, que representavam um símbolo de status social, eram empregados em todas as atividades econômicas desenvolvidas durante os períodos colonial e imperial, desde tarefas que exigiam apenas força física até aquelas que requeriam conhecimentos e habilidades trazidos da África ou adquiridos no Brasil. Aparentemente, muitas técnicas, senão a maioria delas, utilizadas e essenciais nas diferentes etapas do processo de mineração - extração, transporte e beneficiamento - foram introduzidas pelos escravos africanos, como bateia, canoas e carumbé².

² Os termos "bateia", "canoas" e "carumbé" são referências a ferramentas ou meios de transporte utilizados pelos escravos africanos durante o processo de mineração. A bateia é uma espécie de peneira em forma de prato utilizado para separar minerais mais pesados de minerais mais leves em um processo chamado de garimpagem. Já as canoas e carumbés eram embarcações utilizadas para o transporte do minério pela água, o que era comum em regiões com rios navegáveis.

Essas minas se consolidavam como lugares onde os escravizados eram constantemente observados como forma de garantir a produtividade e evitar fugas ou revoltas. A vivência dos escravizados nas minas era constantemente vigiada, eram submetidos a condições deletérias de vida e trabalho “horas e horas em escavações sempre mais profundas e por mais tempo, sem ver a luz do dia e sem qualquer tipo de condições sanitárias e de alimentação.” (Alexandre, 2016, p. 46) a exposição constante a substâncias tóxicas, como o mercúrio utilizado no processo de extração do ouro, contribuía para a deterioração da saúde dos trabalhadores.

Muitos escravizados e trabalhadores livres sofriam de doenças respiratórias e intoxicações devido às condições insalubres nas minas. Consequentemente a expectativa de vida dos escravos que trabalhavam nas minas era extremamente baixa. Estima-se que muitos escravos não sobrevivessem por mais de cinco anos na atividade de mineração (Gomes, 2021).

Após a promulgação da Lei Áurea em 1888, que aboliu a escravidão no Brasil, ocorreram transformações significativas no setor mineral do país. As companhias mineradoras que dependiam fortemente da mão de obra escrava enfrentaram desafios para se adaptar às novas condições de trabalho assalariado. Os altos custos associados à contratação de trabalhadores assalariados tornaram muitas operações mineradoras inviáveis, pelo menos em um primeiro momento. Essa transição abrupta resultou na exclusão dos negros do processo de trabalho nas minas. (Costa, 2007)

No entanto, também havia brancos pobres envolvidos na prospecção e mineração por conta própria, conhecidos como “fiscadores”. Os fiscadores trabalhavam individualmente ou em pequenos grupos, percorrendo o interior do país em busca de ouro. Suas condições de trabalho eram difíceis, e era raro que encontrassem quantidades significativas de ouro que lhes permitissem sustentar-se. Geralmente, encontravam apenas alguns grãos que seriam suficientes para suprir suas necessidades básicas. Em relação aos mineradores com maior poder econômico, poucos possuíam mais de doze escravos. No entanto, eles constantemente solicitavam à Coroa os mesmos privilégios concedidos aos grandes senhores de engenho e lavradores de tabaco, como proteção contra penhora por dívidas. (Charles, 1969.)

Durante o período colonial, a Coroa Portuguesa aplicava um imposto conhecido como "O Quinto" sobre todo o ouro extraído em suas colônias. Esse imposto correspondia a 20% do metal extraído, ou seja, um quinto. Conforme chegaram mais pessoas às de minas do sertão de Minas Gerais Portugal percebeu que havia um grande desvio de ouro (Gomes, 2021).

Para combater esse contrabando e controlar a extração de ouro, Portugal decidiu implantar as casas de fundição. As Casas de Fundição eram instituições estabelecidas que tinham como objetivo recolher o ouro extraído pelos mineiros, purificá-lo e transformá-lo em barras de ouro. Essas barras recebiam um cunho que as identificava como "ouro quintado", indicando que já havia sido deduzido o tributo do "quinto" - uma taxa de 20% sobre a produção aurífera que era destinada à Coroa Portuguesa (Gomes, 2021).

Era também expedido um certificado que deveria acompanhá-la daí em diante. As Casas de Fundição eram dirigidas por um Provedor, auxiliado por Escrivães, fundidores, ensaiadores, cunhadores, meirinhos, tesoureiros e fiscais. Estes últimos eram nomeados por indicação das Câmaras Municipais. No decorrer do século XVII, duas outras casas de fundição foram instaladas na capitania de São Vicente: uma em Iguape e outra em Paranaguá, ambas por volta de 1650. Com a deflagração do Ciclo do Ouro em Minas Gerais, a partir de 1691, essas três casas, pela sua localização, não podiam atender ao novo Eldorado. Criou-se, então, em 1695, a Casa de Fundição de Taubaté, também chamada de Oficina Real dos Quintos (Russell-Wood, 1999).

A seguir, foi instalada outra Oficina Real dos Quintos no Rio das Velhas, em Minas Gerais (possivelmente em Sabará), por volta de 1701. No decorrer do século XVIII, especialmente em razão da lei de 11 de fevereiro de 1719, numerosas outras casas de fundição foram criadas em Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e Bahia. Em 1737, porém, foram todas extintas, em virtude da adoção do sistema da capitação, para tributar a atividade mineradora (Russell-Wood, 1999).

Os mineradores, após a extração do ouro, eram obrigados a levá-lo às casas de fundição. Nessas casas, o ouro era pesado e o imposto correspondente a um quinto do peso era retido. O restante do ouro era então devolvido aos mineradores na forma de barras, acompanhado de um "certificado de recolhimento" que comprovava o pagamento do imposto (Fausto, 2001).

Para sonegar os impostos do ouro alguns mineradores e comerciantes utilizavam estratégias sobretudo ainda prevalecem algumas ideias, logo trazemos à cabeça a imagem dos santos de pau-oco, em que o ouro em pó ou em barra era escondido das autoridades régias e contrabandeado (Fausto, 2001).

A política fiscal era uma das principais fontes de receita para a Coroa Portuguesa e visava explorar as riquezas das colônias. O Quinto gerou insatisfação e descontentamento entre os colonos, que consideravam o imposto excessivo e um obstáculo para o desenvolvimento econômico local. A alta carga tributária, juntamente com outras formas de exploração colonial, contribuiu para o descontentamento que eventualmente levou a movimentos de independência em várias colônias portuguesas (Fausto, 2001).

Em Minas Gerais surgia um novo problema as linhas tradicionais de oferta e demanda de gêneros alimentícios foram destruídas pelo aumento repentino da procura nas regiões mineiras. Em 1750, quando a vila de São Cristóvão, em Sergipe, pretendia explorar as minas de Itabaiana, a coroa recusou a autorização alegando que Sergipe era o celeiro da Bahia e que a exploração das minas prejudicaria o fornecimento de alimentos em Salvador. (Russell-Wood, 1999)

A competição das minas destruiu gravemente a oferta de carne do interior da Bahia, Pernambuco, Ceará, Piauí e Maranhão para a marinha. No início, Minas Gerais dependia totalmente das importações de carne e, mesmo depois de desenvolver sua própria indústria, não conseguia atender à demanda. (Russell-Wood, 1999)

Além disso, a destruição da rede de oferta e demanda não se limitou às mercadorias produzidas no Brasil. Itens supérfluos e importações básicas, como o sal, tiveram seus preços aumentados. As regiões costeiras não conseguiam lidar com esse aumento de custo, e os produtos foram direcionados para mercados mais lucrativos no interior.

Em 1717, o vice-rei relatou um aumento vertiginoso nos preços dos produtos básicos. As famílias, que antes conseguiam sustentar-se, passaram a enfrentar fome ou migrar para as minas em busca de melhores condições. Muitas pessoas dos enclaves costeiros foram para as minas não tanto pela perspectiva de riqueza fácil, mas sim pela iminência da fome e da miséria. (Russell-Wood, 1999).

Ainda de acordo com Russell-Wood (1999) em 1729, o vice-rei Sabugosa comentou com ironia que a verdadeira era de ouro do Brasil ocorreu antes da descoberta do ouro, pois com o metal precioso o país estava passando por uma "idade de ferro". Isso sugere que a exploração do ouro trouxe consequências negativas para a economia, a sociedade brasileira e o meio ambiente, aliás, tal problemática se reatualiza no presente.

Nos últimos anos, a mídia tem dado ampla cobertura aos conflitos ocorridos na Amazônia em virtude da disputa pela apropriação e expropriação de metais preciosos. Neste contexto, o garimpo é uma atividade na qual os trabalhadores são frequentemente descendentes de nativos e/ou mestiços, incluindo muitos sem-terra nordestinos, que foram expulsos de suas terras pelo latifúndio e incentivados pelo governo militar a ocupar terras na Amazônia.

Essas terras, por sua vez, muitas vezes já estavam ocupadas por povos originários. Dessa "mistura" e "encontro" de povos distintos, surgem contradições, tensões e conflitos, nos quais, atualmente, também se envolvem ativistas ambientais que defendem os povos originários e a preservação desta riqueza ambiental. Infelizmente, muitos destes ativistas são assassinados pelo crime organizado que explora a região.

Os grandes garimpeiros, na verdade, não os são, exploram os trabalhadores de garimpos, que com pouca ou sem alternativa, são condicionados e, portanto, iludidos com a riqueza do ouro que acaba sendo apropriada e destinada para um pequeno grupo bem-organizado e até mesmo representado e influente politicamente.

Ademais, segundo Araújo (2023) desde o século XVIII³ a atividade garimpeira existe na Amazônia brasileira e, não se pode esperar, que espontânea e rapidamente estas práticas seculares de trabalho se transformem em ambiental e humanamente responsáveis.

O governo, que no passado incentivou a corrida predatória e excludente do ouro, precisa adotar medidas de governança para promover a inclusão dos povos nativos, trabalhadores do garimpo e demais partes interessadas. O objetivo é construir projetos de desenvolvimento sustentável de forma inclusiva, sem criminalizar os mais pobres. Nesse contexto, é necessário separar o "ouro

³ Apesar da descoberta de ouro em Mato Grosso por bandeirantes, somente em 1747 foi descoberto, pela primeira vez, ouro na região do Rio Tapajós, Pará.

da lama", buscando distinguir entre práticas legítimas e sustentáveis das atividades ilegais e prejudiciais ao meio ambiente.

Os poderosos criminosos que financiam o garimpo ilegal raramente são mencionados nas reportagens, uma vez que não participam diretamente da atividade. No entanto, eles são responsáveis por financiar, contratar e fornecer equipamentos mecanizados para explorar grandes volumes de minerais do solo, resultando em danos ambientais significativos. Para facilitar a compreensão dessa problemática na história recente, o exemplo de Serra Pelada pode ser revelador.

3.3. Desafios e impactos da mineração em Serra Pelada: uma busca pela abordagem sustentável e responsável.

A história da mineração em Serra Pelada serve como um exemplo dos desafios enfrentados no setor no Brasil e destaca a importância de uma abordagem sustentável e responsável na exploração dos recursos naturais. A descoberta de ouro em 1980 atraiu milhares de pessoas, principalmente pobres e analfabetos, que segundo Aragão, Barbalho e Souza (2020) sonhavam em se tornar milionários da noite para o dia.

O garimpo de Serra Pelada se tornou uma verdadeira febre, com uma quantidade imensa de pessoas tentando extrair ouro da região. A Memória Globo escrevia que “de picareta na mão e muita disposição, esses homens trabalhavam em um esquema de sociedade: havia o sujeito que escavava e o que carregava o ouro ou a terra remexida nas costas, chamado de saúva. “

A extração era feita de forma primitiva, com equipamentos rudimentares e em condições precárias. A exploração desordenada e a falta de controle efetivo levaram a danos ambientais graves, incluindo a remoção da vegetação e a contaminação dos rios com mercúrio. A falta de infraestrutura adequada e a ausência de um controle efetivo sobre a atividade levaram a uma exploração desordenada e caótica do local (Aragão, Barbalho e Sousa, 2020).

Além dos impactos ambientais, a corrida do ouro em Serra Pelada gerou uma série de problemas sociais. Os garimpeiros enfrentavam condições de trabalho lamentáveis, sem proteção adequada e expostos a riscos constantes de acidentes. A falta de estruturas adequadas levou à formação de favelas e

condições de vida precárias. A violência e a exploração também eram comuns, gerando conflitos entre os garimpeiros (Pinheiro, 2022).

Do ponto de vista social, a corrida do ouro em Serra Pelada gerou uma série de problemas. Segundo Moura (2008) as condições de trabalho eram lamentáveis, os garimpeiros exerciam suas atividades em “vendas de barrancos”, onde não possuíam a mínima proteção, sem calçados ou vestimentas adequadas, na lama e carregando sacos pesados de cerca de 30 quilos, permanecendo assim por longos anos.

A necessidade de estruturas apropriadas para abrigar e conceder atendimento às necessidades básicas de uma população em crescimento ocasionou à formação de favelas e condições de vida precárias. Além disso, a violência e a exploração eram comuns, causando conflitos entre os garimpeiros (Araújo, 2023).

Diante desse cenário, o governo brasileiro decidiu intervir e assumir o controle da área. Em 1984, foi criada a Cooperativa de Mineração dos Garimpeiros de Serra Pelada (COOMIGASP), uma iniciativa para regularizar a atividade e melhorar as condições de trabalho (Araújo, 2023). No entanto, mesmo após a intervenção governamental, os problemas sociais e ambientais persistiram.

Na atualidade a atividade de mineração em Serra Pelada diminuiu significativamente, mas os impactos deixados por essa corrida do ouro ainda são visíveis. A história da Serra Pelada serve como um exemplo dos desafios enfrentados no setor de mineração no Brasil, destacando a importância de uma abordagem sustentável e responsável para a exploração dos recursos naturais, levando em consideração os aspectos sociais, ambientais e econômicos (Araújo, 2023; Pinheiro, 2022).

Atualmente, Serra Pelada está sob interdição devido a uma disputa legal com a CVRD, que reivindica a inclusão dessa área dentro dos limites das terras da antiga Serra Norte, agora conhecida como Serra dos Carajás. Durante o governo de João Batista Figueiredo, uma área mencionada em depoimentos como sendo de 100 hectares foi arrendada pelo governo por três anos, mediante o pagamento de 46 milhões de cruzeiros (Araújo, 2023).

No governo de Sarney, essa questão permaneceu estagnada, uma vez que a CVRD não recorreu à justiça. Sob a presidência de Fernando Collor de

Melo, o conflito se intensificou, pois o presidente exigiu que o arrendamento fosse transferido ao governo, acrescido de juros e correções monetárias, levando os garimpeiros a entrar com um processo judicial contra a CVRD. (Martins, 2012, p. 81).

Em 1996, o Major Sebastião Curió reassumiu o cargo de coordenador de Serra Pelada e, no ano de 1998, um Projeto de Lei foi aprovado, garantindo a posse da área à cooperativa. Apesar desses acontecimentos, a área permanece sob interdição. (Martins, 2012, p. 82).

Portanto, a história de Serra Pelada destaca a importância de uma abordagem sustentável na mineração, levando em consideração os aspectos sociais, ambientais e econômicos. É necessário um controle efetivo da atividade, com medidas para garantir a proteção do meio ambiente e o bem-estar das comunidades envolvidas. Ouvir a memória destes garimpeiros, suas trajetórias de vida, suas condições de trabalho, seus sonhos, contribui para a construção de uma história diferente, lapidando sentimentos e interesses, será possível construir um projeto sustentável.

4. MINAS DE MEMÓRIAS E BURACOS DE QUESTÕES

“Garimpo tem que ter a sorte,
é como o pescador, caçador,
ali ele é um caçador.”
Benedito Perreira

Por trás da beleza e da preciosidade da pedra de opala estão as mãos dos garimpeiros, dedicados ao árduo trabalho de revirar a terra em busca de gemas brilhantes. Esse serviço exige esforço e tempo, pois os garimpeiros buscam o sustento que vem debaixo do chão em uma jornada constante de incertezas. Diferentemente do ouro, não existe um método científico para encontrar opalas, sendo necessário contar com a sorte para acertar uma mina ou correr o risco de cavar buracos sem resultado. Como um velho garimpeiro me disse uma vez: “trabalhar no garimpo é como fazer uma roça, quem não tem ‘opinião’, não entra não!”

O trabalho no garimpo é reconhecido como perigoso, uma vez que acarreta a deterioração da saúde daqueles engajados nessa atividade. Trabalhar nesse meio implica estar propenso a doenças graves e, principalmente, a acidentes de trabalho, podendo até mesmo correr risco de vida e, na pior das hipóteses, perdê-la. Nos garimpos da Roça dos Pereiras, localizados na zona rural de Pedro II, o experiente garimpeiro Alberto recorda com emoção e destaca momentos marcantes ao longo de sua trajetória no garimpo de opala.

Teve tempo que não foi bom não, aqui já morreu gente, morreu um irmão meu, morreu o finado Raimundo, finado Zé Damião, finado Domingo, e aí primeiramente morreu dois, finado Mariano e finado Pedro em ribanceira, ali para “riba” morreu três rapaz um do Ceará e dois do Pedro segundo, é perigoso essas barreironas, nesse tempo não tinha máquina. (...) um irmão meu mesmo foi bem ali, onde tem essas “águona” aí. – Como foi que aconteceu? - Ele trabalhando debaixo e a ribanceira arriou, tudo molhado, nesse tempo não existia máquina pra trabalhar, hoje em dia não, é só com máquina, porque tem a fiscalização.

O garimpeiro reafirmou várias vezes que, nos dias atuais, o trabalho no garimpo é realizado com mais segurança devido à constante fiscalização, ação da cooperativa e utilização de maquinário adequado. Ele também ressaltou que, quando existe um perigo evidente, o trabalho é imediatamente encerrado. Após concluir sua fala, perguntei novamente se esses foram os momentos mais

marcantes de sua trajetória no garimpo, com o objetivo de confirmar e verificar se ele tinha algo mais a acrescentar. Nesse momento, ele acrescentou que: “tinha tempo também que a gente achava umas coisas boas” para se referir ao achado de pedras de opala, e retorna a trazer o assunto dos acidentes dizendo que “aqui a gente já viu muito negócio sério”.

Durante a entrevista com o senhor Maroca, um ex-garimpeiro também conhecido pelas minas da Roça dos Pereiras, questionei se ele se recordava dos acontecimentos passados. Maroca prontamente compartilhou comigo um dos primeiros acidentes narrados por Alberto, fornecendo mais detalhes e utilizando uma linguagem característica do ambiente de garimpo.

Eles “embocando” o barreiro lá, fizeram tipo um “bode”, assim, nós chamamos um “bode”, tiraram, cortaram aqui e cortaram em cima que era pra “bicha” cair, aí eles “tavam” lá e ela arriou. [...] Lamentável... ninguém morre porquê quer.

O garimpeiro Benedito também conta sobre as tragédias que testemunhou ao longo de sua extensa vivência no garimpo:

Já morreu muita gente, já morreu muita gente, muita gente, eu vi muito, ajudei tirar gente de três numa barreira que caiu, ali na Roça dos Pereiras foi três num dia no Boi morto foi dois e acontece muito, todo serviço que você for trabalhar tem o perigo, tá junto, e o garimpo é mecher com barro e pedra o perigo tá junto.

De acordo com Mathis (1995) os acidentes de trabalho mais comuns nos garimpos são soterramentos, doenças de pele, cortes, picadas de animais, problemas de audição, doenças respiratórias e de coluna. Sem assistência médica e responsabilidade do dono da máquina, o trabalhador arca com os custos do tratamento e perda de ganho dos dias parados.

O garimpeiro Benedito ainda enfatiza “num é só se lembrar da opala não, ele tem que se lembrar que acima dele tem uma ruma de perigo”. Um pouco diferente da realizada apontada por Mathis (1995), segundo Benedito, o fato de se organizarem em cooperativa, quando há algum ocorrido nas áreas de garimpagem, seja uma fatalidade ou incidente de menor gravidade a gestão oferece assistência,

O presidente da cooperativa tem por obrigação de ter um carro, ele tem um carro pra trazer a pessoa pra o hospital... pra cuidar direitinho do mesmo jeito de qualquer acidente - Tem que ter, né? Tem que ter. A pessoa recebe alguns direito da cooperativa? A cooperativa enquanto ele tiver doente, ela, ela ajuda. - Auxilia né? É obrigada a ajudar porque quem é que vai ajudar? Ele não pode trabalhar, todos eles tem a

família, então eles ajudam, o pessoal se juntam e ajuda, os próprios garimpeiros ajudam uns aos outros e é assim.

Apesar de certos equipamentos de segurança serem utilizados, acidentes nos garimpos de Pedro II não foram raros e ficaram marcados na memória daqueles garimpeiros que presenciaram ou participaram das ocorrências. Por falta de precaução, ambição ou desconhecimento dos perigos envolvidos, alguns garimpeiros perderam suas vidas em situações envolvendo terra, pedras e cascalho.

É evidente que vidas valem mais do que opalas, e nos bastidores desses desastres, é notória a negligência do poder público em permitir e permitir a expansão da garimpagem no município sem realização de intervenções significativas.

Segundo Brandão (2022). na década de 1980, a exploração mineral em Pedro II enfrentava problemas como ausência de supervisão, falta de monitoramento do poder público e falta de apoio governamental, resultando em disputas entre garimpeiros e empresas de mineração pelo Garimpo Boi Morto. Isso causava baixa produção, colocava os garimpeiros em risco e não havia planejamento adequado.

Para promover um gerenciamento efetivo e implementar políticas públicas relacionadas à segurança no trabalho, saúde, valorização dos trabalhadores do setor de garimpo, controle de riscos e assistência social, torna-se necessário reconhecer os desafios enfrentados por diferentes grupos de garimpeiros, como jovens, pais de família e aventureiros. Infelizmente, esses trabalhadores muitas vezes são lembrados como "finados" pela população.

O garimpo pode também ser um lugar de memórias emocionalmente positivas, onde a surpresa de encontrar algo valioso debaixo da terra que possa transformar a vida financeiramente é, sem dúvida, um sentimento sublime. Veja este depoimento:

Foi o dia que eu achei a pedra de 63 gramas, meia hora para tirar ela da terra, só olhando que eu quebrei o pedacinho dela assim com a alavanca, aí eu viro, peguei o pedacinho, pedacinho bom, do tamanho de uma tampinha de garrafa aí fiquei olhando rapaz essa pedra aqui, ai eu fiquei cavando ao redor, ela custou acabar, tirando devagarinho ali foi das maiores emoções.

Continuei o assunto com a intenção de que ele contasse mais sobre aquela memória:

Nossa, emoção. Assim, uma memória boa, né? Eu não ia vender aquela pedra, eu só vendi porque eu mostrei para um amigo meu, meu amigo abriu o “bocão”. Aí muita gente ficou sabendo e eu morando sozinho no meio de um, caju, caju. Sem água, sem energia. -Sem ter nem onde guardar? Ah, debaixo da minha rede eu tinha um facão, cavei assim, numa fundura do tamanho do meu braço, aí joguei ela lá dentro, tampei, joguei água em cima, varri ali, ela ficou ali foi meses.

O relato revela uma parte da realidade vivenciada pelo garimpeiro, e o que é surpreendente em sua fala é o fato de ele não ter pensado em vender sua opala de 63 gramas para ter uma vida mais confortável. Ele tinha motivos, como um tipo de vício ou o sentimento de pertencer a uma pedra valiosa.

Quando questionado sobre suas memórias mais marcantes relacionadas ao garimpo, o Senhor Benedito conta que em 1964 foi chamado pelo Senhor Pedro Braga, hoje já falecido, para trabalhar em regime de diárias no garimpo do povoado Bom Lugar, que era conhecido por ser muito produtivo.

Naquela época, Benedito nem tinha meio de transporte e caminhava mais de 6 quilômetros para chegar ao local de trabalho. Ele levava consigo apenas uma cabaça de água e uma rapadura como forma de pagamento pelos 3 contos de cruzeiro. Sendo casado, ele assumia riscos para sustentar sua família. Ele também compartilhou uma memória específica daquele garimpo:

No dia que eu achei 94 pedra juntos. Trabalhava por dia, Eu trabalhava por dia, achei 94 Pedra por dia no garimpo do finado Pedro Braga no Bom Lugar. Eu achei uma ninhada de Pedra, deu 94 Pedra. Aí nessa época eu ganhava só o 3 contos. Aí me dado naquela época como se fosse assim 50 contos, 50 cruzeiros mais ou menos uns 50 cruzeiros... Eu ganhei dinheiro assim, de umas 3 semanas mais ou menos.

Com base nesse depoimento, é possível inferir que a atividade de garimpo é uma fonte potencial de riqueza para algumas pessoas que ingressam nesta atividade buscando pavimentar dias melhores. No entanto, também é importante destacar que essa atividade pode envolver riscos e desafios, como a incerteza da quantidade e qualidade das pedras encontradas, além dos impactos ambientais causados pela extração.

4.1 Cidade imperial, Reis das opalas: o ingresso na atividade e a trajetória dos garimpeiros de Pedro II

Em um lugar onde os moradores do campo eram tradicionalmente agrícolas, a descoberta de uma pedra preciosa transformou, mesmo que timidamente, essa realidade. As ocupações no campo e na cidade passaram a

ter novas configurações, e a mineração de opala abrigou aqueles que nunca imaginaram conhecer algo parecido. O garimpo se tornou uma fonte de emprego, mas não é correto afirmar que essa atividade mineral seja o pilar da renda local. Há algum tempo, o trabalho de garimpeiro vem se tornando uma opção viável para aqueles que procuram na exploração da opala uma forma de subsistência, embora o "emprego" dependa de um progresso financeiro imprevisível. (Sachs, 2015)

Segundo os garimpeiros, muitos homens de outros estados, como Ceará, Maranhão e diferentes municípios do Piauí, vieram trabalhar no garimpo. Na região conhecida como Roça dos Perreiras, relatos indicam a presença de aproximadamente 800 garimpeiros abrigados em barracos próximos ao local de extração, porém, não ocorreu nenhuma "corrida da opala" na cidade piauiense (MILANEZ e PUPPIM, 2009). Um número significativo desses trabalhadores optou por construir moradias e se estabelecer na comunidade. Maroca, um ex-garimpeiro das minas Roças Perreiras, fala com autoridade sobre sua experiência de ingresso na atividade garimpeira:

Quando eu comecei o garimpo era novidade, muita gente, em primeiro lugar, era a multidão de gente trabalhando cada um trabalhando por conta própria. – Foi alguém que lhe chamou? – Não, enfim a gente pedia ao dono, é um buraco e aí trabalhava.

O senhor Alberto⁴ recorda a década de 1970, quando ainda jovem, começou a trabalhar no garimpo. Ele relembra com orgulho que encontrou pedras de opala de grande valor e destaca que seu pai também era proprietário de um garimpo. Apesar de ter trabalhado pouco tempo como garimpeiro, ele obteve sucesso nessa atividade. Alberto explica que escolheu o garimpo como meio de subsistência devido à sua abundância fortuita.

eu vi que dava um dinheirinho, peguei a achar as primeiras e gostei, e depois comprei uns motor pra tirar água que aqui era muita água que o rio passa ai perto e depois parei ficou só meus meninos trabalhando. – Seus filhos tem mais ou menos quantos anos? – um 36 e outro 30 e tem o mais novo que tá estudando na rua tens uns 23 anos, mas graças a Deus arrumei umas coisas no garimpo

Alberto trabalhou por mais de 20 anos nos garimpos da Roça dos Pereiras. No entanto, devido às dificuldades enfrentadas, ele decidiu se afastar desse trabalho, afirmando que "não é fácil". É interessante notar que a família

⁴ Antônio Alberto Gomes de Souza, casado e ex-garimpeiro pedrosegudense.

de Alberto possui uma tradição garimpeira, uma profissão que vem sendo passada de geração em geração. No entanto, conforme Sachs (2015) essa não é a realidade atual, pois os jovens da região, filhos e netos dos garimpeiros, estão deixando de lado a garimpagem e buscando melhores oportunidades profissionais nas grandes cidades.

O senhor Murilo⁵, conta que veio a Pedro II depois da paralisação do garimpo de Serra Pelada, ele relata que foi lá sua primeira experiência no ramo garimpeiro, com a paralisação por motivações políticas e enchimento da cava, Murilo ficou desempregado e pensou em ir para o estado do Mato Grosso para continuar trabalhando na área da mineração.

Meu filho falou: 'Pai, você vai fazer o que com aquilo? Vai pra lá de novo pegar malária outra vez? Dengue?' Por coincidência, tava passando na televisão uma reportagem sobre Pedro II e aí apareceu um camarada — até conheço ele, meu amigo aí — segurando uma pedra. Filmaram, aí ele (filho) e falou: 'Ah, por que você não vai para lá? Vai para o Piauí, lá não tem doença nenhuma, nem nada'. E aí eu parti. Eu tava em Belo Horizonte na época, tinha ido lá ver meus familiares, mas eu ainda tava na Serra Pelada. Aí larguei lá, larguei minha casa, larguei tudo em Serra Pelada e vim pra cá.

Vindo do maior garimpo a céu aberto do mundo com aspectos diversificados e ainda movido pela sede de bamburrar, sem temor de se aventurar. A imagem do garimpeiro é consolidada como aventureira e cheia de ambição, Bernardo Guimarães fez comparações e escreveu que

Garimpeiro é como o jogador; sua esperança está sempre no seio da grupiara, como a do jogador nas cartas do baralho, nos dados ou no tabuleiro verde do bilhar; isto é, sua felicidade dorme na urna do acaso, de onde as mais das vezes nunca sai. Por mais que sejam os reveses com que a fortuna os maltrate, por mais que os repila e os calque aos pés, esses cegos e pertinazes amantes estão sempre de rojo a mendigar favores aos pés daquela cruel e caprichosa amásia (...) só o jogo, o testamento ou o garimpo nos podem tornar ricos de um dia para outro". (O GARIMPEIRO, 1962, p. 91)

Murilo decidiu deixar sua casa e se afastar de sua família, partindo em direção a Pedro II, conhecida como a terra da opala. Levando consigo sua experiência de trabalhar como garimpeiro em Minas Gerais, rapidamente ele ganhou o apelido de "mineiro" ao chegar em Pedro II.

O garimpeiro Benedito acredita que nasceu destinado à atividade de garimpo. Anteriormente agricultor, ele começou a perceber que o trabalho no

⁵ Murilo Vieira, de 72 anos, solteiro e garimpeiro da localidade Roças dos Pereiras – Pedro II.

campo já não lhe atraía tanto como antes. Foi então que, em 1964, as circunstâncias o levaram a se aventurar nos garimpos de opala.

Eu fui trabalhar de roça. Quando eu vim da roça, cheguei aqui e ia trabalhar de roça novamente. Digo, rapaz, num vou querer esse negócio não! Aí uma pessoa me informou: "Benedito tem um garimpo aqui no Morro do Meio. Eu vou te levar lá." Aí, quando foi um dia de domingo, nós fomos olhar. Quando chegou lá, dia de domingo, num tinha ninguém mais. Aí eu olhei e digo: "Rapaz, pois eu venho segunda-feira. Segunda- feira, cheguei lá. " No primeiro dia que eu comecei trabalhar, eu disse: "Me mostre a primeira pedra pra mim ver." O rapaz foi e me mostrou: "É essa aqui, nós vamos caçar." Eu achei onze pedras num dia, a primeira vez! Aí eles disseram: "Você nasceu pra garimpo mesmo, porque agora você acertou no que você queria." Aí achei onze pedras e entreguei para o rapaz, para o patrão, que eu fui trabalhar mesmo na diária, ganhando 3 contos por dia.

Hoje em dia, aos 82 anos de idade, Benedito fala com grande entusiasmo sobre sua experiência no garimpo. Ele acredita firmemente que, se tivesse permanecido na área rural trabalhando como agricultor, não teria conseguido investir na educação de seus quatro filhos, nem posteriormente de seus netos, que hoje todos possuem diplomas de curso superior.

Maroca, Alberto, Murilo e Benedito são homens garimpeiros de Pedrosegudenses com anos de dedicação à extração da opala. Movidos pelo sonho de conquistar uma vida melhor, eles se aventuram nas profundezas da terra em busca dessas preciosas gemas.

De acordo com Getirana (2008), o aumento considerável na notoriedade das gemas de opalas nos últimos anos é surpreendente, porém, não é compatível com a pouca visibilidade dos garimpeiros que estão por trás dessa descoberta. São esses homens que, com suas mãos ágeis e incansáveis, colocam as opalas no mundo da cultura, dando início a toda a cadeia produtiva da gema.

A busca pela gema de opala exige perseverança e coragem, mas também é movida pelo desejo de proporcionar uma vida melhor não apenas para eles mesmos, mas também para suas famílias e comunidade. É através do trabalho árduo desses garimpeiros que as opalas são encontradas e ganham destaque, permitindo que sejam apreciadas por pessoas de todo o mundo.⁶

⁶ DE LIMA, E. G. BAMBURRISTAS DA TERRA DA OPALA: **Identidade sociocultural e os desafios frente a políticas de inserção produtiva em Pedro II-PI.** [s.l.] UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ, 2008.

4.2 O Garimpo é um “bom lugar!”

Se acessarmos os mecanismos de pesquisa nos dias de hoje, seja por meio de texto ou recursos audiovisuais, e pesquisarmos algo relacionado ao garimpo, nos deparamos com inúmeras notícias, imagens e vídeos que abordam a clandestinidade, crimes, doenças, invasões, devastação de florestas, destruição do solo, poluição da água e outras informações extremamente negativas, o que nos leva a questionar se o garimpo é realmente um bom lugar.

No entanto, ao classificar se é um bom lugar ou não, é importante analisarmos outras perspectivas em relação ao garimpo, levando em consideração os sujeitos envolvidos e suas motivações. Como mencionado por Silva (2011, p. 12), devemos avaliar o garimpo sob diferentes pontos de vista, sem ignorar seus aspectos problemático:

No contexto do garimpo há pessoas com diversas intenções particulares. Existem aqueles que exercem as atividades trabalhando no pesado para sustentar a família; existem os que buscam no garimpo uma fonte de renda extra; os aventureiros; os que têm o garimpo como vício sem ambição em mudar de situação. Existem também os empresários que tiram proveito da simplicidade dos garimpeiros; as pessoas de má índole que usam de malícia para se apoderarem com facilidade do lucro do minério por meio do ofício de comprador.

Diante isso é possível destacarmos que o garimpo só é verdadeiramente “bom” para quem se beneficia consideravelmente e usufrui da lucratividade da atividade

Ao contrário do que apregoa o discurso do governo federal, o garimpo ilegal praticado nas TIs não é atividade exclusiva de uma massa de homens pobres que enfrentam a floresta em busca de sobrevivência. É, na verdade, um empreendimento empresarial que envolve uma gama de atores altamente capitalizados. (Le Monde Diplomatique Brasil, 2021)

Trata-se de uma questão importante, pois os garimpos de Pedro II têm características distintas dos grandes centros de mineração e se concentram na extração da opala, que não é valorizada como a turmalina paraíba. Portanto, surge a indagação: os garimpos de Pedro II são realmente bons?

Para obtermos uma resposta, entrevistei os próprios garimpeiros que trabalham nesses garimpos. Com base em suas percepções e experiências, é possível obter um diagnóstico mais aproximado da realidade. Na opinião do Senhor Benedito, por exemplo, o garimpo de Pedro II é considerado um bom

local. Esse ponto de vista é resultado da sua vivência e das realidades enfrentadas no dia a dia dessa atividade em específico.

O garimpo, ele é um bom lugar porque é onde tem a riqueza. É um bom lugar que tem a riqueza, mas nem todo mundo tem essa possibilidade de chegar a essa riqueza. Porque tem uns, como eu digo pra você, tem muitos que não são achador. Tem uns que são, aquela pessoa que trabalha naquele garimpo e que o garimpo gosta dele. Ele sobe na vida. Agora tem uns que pelejam e não vão porque não são do ramo.

No entanto, é importante mencionar que as opiniões podem variar entre os demais garimpeiros, afinal, cada um tem suas próprias experiências e perspectivas. Para obter uma visão completa e abrangente sobre a qualidade dos garimpos de Pedro II, é necessário levar em consideração as diferentes concepções dos garimpeiros envolvidos nessa atividade. Dessa forma, a investigação das opiniões e concepções dos garimpeiros de Pedro II sobre a qualidade dos garimpos se faz necessária para termos uma compreensão mais profunda sobre esse assunto, que este trabalho, representa apenas o começo. Maroca igualmente nos trouxe o seu ponto de vista:

Não, pra uns é, hoje não é mais não, hoje não é mais não, porque tá tudo difícil, cê vai pagar 30% do que achar, 10 para terra e 20 para a cooperativa, não, eu deixei mais por esse por esse motivo, pra mim achar e vender pra um pessoa pra não pagar renda, pra roubar. - acontecia isso? Demais!

O senhor Maroca comenta que, para ele, o garimpo pedrosegudense já foi um bom lugar, mas deixou de ser após a implantação da porcentagem a ser paga para a cooperativa sobre as pedras encontradas. A COOGP - Cooperativa de Garimpeiros de Pedro II, decidiu, em conjunto com os associados garimpeiros, que estes podem comercializar as gemas encontradas, desde que paguem à cooperativa uma porcentagem de 10% dos lucros.

A medida foi determinada de forma unânime entre os associados devido à falta de recursos financeiros suficientes pela COOGP para recolher e revender a produção. Geralmente, os proprietários das terras onde ocorre o garimpo solicitam uma porcentagem de 20% sobre o lucro da venda das gemas de opala.

A introdução da taxa de 10% sobre os lucros para a cooperativa tem causado impacto negativo na percepção do senhor Maroca em relação ao garimpo de Pedrosegudes. Essa mudança nas condições de trabalho e lucro tem levado alguns garimpeiros a questionar a viabilidade de continuar no negócio.

Além disso, a diferença na taxa de 20% cobrada pelos proprietários das terras mostra o conflito de interesses existente e a importância de buscar soluções que equilibrem o retorno financeiro para todos os envolvidos, sobretudo, devido as condições de trabalho.

4.3 Garimpeiros: condições de trabalho

A rotina dos garimpeiros começa cedo, quando eles se dirigem às áreas de garimpagem. Eles costumam se arrancar em barracas, geralmente em grupos de cinco ou mais pessoas. Ao final do dia, alguns retornam para suas casas, enquanto outros permanecem nas barracas no garimpo.

Para realizar seu trabalho, os garimpeiros utilizam uma variedade de ferramentas, como alavancas, picaretas, pás, peneiras, baldes, carrinhos de mão, entre outros. Em certas áreas de garimpagem, especialmente nos barreiros com pedras maiores, não é necessário lavar o material escavado. Porém, nos barreiros com pedras menores, conhecidos como “chibius”, a lavagem e o uso de uma peneira fina são fundamentais.

Trajados com calças e às vezes bermudas, camisas de manga longa, capacetes e botas, os garimpeiros realizam seu trabalho. O uso desses equipamentos é indispensável, uma vez que o ambiente do garimpo oferece diversos riscos. A cooperativa dos garimpeiros auxilia fornecendo determinados equipamentos. Perguntei a um garimpeiro como é a ação da COAGP,

(Silêncio) de vez em quando eles aparecem lá com umas alavancas desse tamanho, peso monstro mas os insumos básicos de vestimenta não, -não tem? não, eles dão uma camisa, camisa de malha, -pra sol? malha comum igual a essa (me mostra sua blusa) um capuz aqui, um capacete, manga comprida e o nome COAGP nas costas, (silêncio) uma abelha fura, aquela malha então não é proteção de garimpo, protege do sol, (repete) protege do sol.

Com sua própria percepção o garimpeiro exterioriza sua opinião em tom de descontentamento sobre aparatos ofertados pela cooperativa, pois a empresa não fornece os insumos básicos de vestimenta necessários para a proteção adequada dos garimpeiros. Embora eles forneçam camisas de malha com o nome da COAGP, essas peças de roupa não são suficientes para proteger os trabalhadores dos perigos envolvidos na atividade de garimpo. A falta de

equipamentos adequados pode representar um risco à saúde e segurança dos garimpeiros, especialmente em relação à exposição ao sol.

Como mencionei anteriormente, os garimpeiros estão sujeitos a várias adversidades. Nos locais de garimpagem, há diversas pedras que, ao serem quebradas, podem causar cortes e machucados. Essas pedras muitas vezes passam despercebidas quando estão próximas às ribanceiras e, com a ação do vento, podem acabar caindo e representando perigo para os trabalhadores. Além disso, encontram-se animais peçonhentos, como cobras e escorpiões, escondidos debaixo das pedras deslocadas.

A atividade de transporte e peneiração do material escavado nas minas resulta na emissão de muitas partículas finas no ar. Considerando que o solo dos locais de garimpo é abundante em sílica, existe uma preocupação legítima em relação aos garimpeiros que possam inalar continuamente esse pó e desenvolver silicose (Milanez e Puppim, 2009).

A silicose é uma doença pulmonar causada pela inalação de partículas minúsculas de sílica cristalina. Os garimpeiros de Pedro II, que são responsáveis por transportar e peneirar materiais dentro do garimpo, conscientes dos riscos, utilizam máscaras para reduzir a exposição e prevenir o desenvolvimento da enfermidade (Milanez e Puppim, 2009).

Durante a estação do verão, em que o trabalho é mais constante, os garimpeiros enfrentam os efeitos do clima, passando longos períodos expostos ao sol intenso. Contudo, no inverno, a atividade de garimpagem é paralisada devido ao acúmulo de água nas áreas, especialmente nos buracos mais profundos.

Nesse período, a maioria dos garimpeiros se dedica às atividades rurais, principalmente à agricultura, a fim de garantir seu sustento. De acordo com relatos dos próprios garimpeiros, os garimpos de opala em Pedro II são conhecidos por serem tranquilos e por raramente ocorrerem conflitos ou brigas. Essa tranquilidade pode ser atribuída, em parte, à dificuldade de se encontrar boas opalas nessa região, o que afasta os garimpeiros mais "aventureiros".

Imagens 01 e 02: Garimpeiros trabalhando no garimpo do Boi Morto, Pedro II

Foto: Leonardo Castro, 2021



Fonte: G1, 2011

No convívio social dos garimpos de Pedro II, os garimpeiros enfrentam os desafios diários com parcimônia, sabendo que o sucesso nas suas atividades depende da persistência e da habilidade em encontrar as melhores opalas. Essa comunidade garimpeira se apoia mutuamente, compartilhando experiências e técnicas, buscando sempre aprimorar seus conhecimentos na busca por essas preciosas pedras.

No entanto, mesmo com a tranquilidade e a prosperidade que os garimpos de Pedro II oferecem, é importante ressaltar que ainda existem muitas histórias e memórias a serem compartilhadas. Cada garimpeiro tem sua própria trajetória e experiências únicas, que contribuem para a rica tapeçaria cultural dessa comunidade. Essas memórias e histórias podem revelar não apenas desafios

enfrentados, mas também lições aprendidas e conquistas alcançadas. É fundamental incentivar a preservação dessas histórias e valorizar a importância dos garimpeiros na construção da identidade local.

4.4 “História de garimpeiro”: contos assombrados que circundam os garimpos e sua importância para construção de identidade cultural

O senhor Alberto, ex-garimpeiro e residente das proximidades das áreas de garimpagem, relata sobre estranhas aparições no garimpo da roça dos Perreiras. Ele conta que já presenciou um grande clarão semelhante à luz de um carro, que surgia naquele garimpo durante a noite ou por volta das 19 horas. Mesmo na presença de outras pessoas, essa luz não se intimidava em se manifestar. No local, há um intenso reflexo que o senhor Alberto já testemunhou por diversas vezes, e ele afirma não ter medo. Ele acredita que essas aparições não se trata de assombração e menciona que o garimpo possui uma conexão ou relação com a pedra de opala.

O senhor Benedito, o garimpeiro mais velho ainda em atividade nos garimpos de Pedro II, afirma categoricamente que, nos locais de extração de opala, é comum a ocorrência de fenômenos estranhos, como aparições de tochas que lembram o fogo e grandes clarões durante a noite. Inicialmente, os garimpeiros acreditavam que se tratava de um mero reflexo de pedras de opala rasas.

No entanto, Benedito relata que, ao trabalhar sozinho no garimpo, frequentemente ouve batidas e conversas, mas, ao olhar ao redor, não encontra ninguém por perto. Uma das histórias mais curiosas que compartilhou comigo ocorreu quando ele estava iniciando seus trabalhos diários no garimpo sem seus companheiros. Como era de costume, alguns deles chegavam depois. Benedito conta, ainda impressionado, que ouviu um grande barulho, como se alguém tivesse derrubado uma quantidade considerável de ferro bem perto dele.

Ele pensou que algum companheiro havia chegado, mas, para sua surpresa, ao parar e escutar, não viu nenhum movimento. Ele se dirigiu imediatamente para a região onde havia ouvido o barulho, mas não encontrou absolutamente nada.

Ao voltar para o trabalho, Benedito ouviu novamente o barulho do ferro, mas vindo de outro lado. Mesmo abismado com a situação, ele decidiu continuar o seu serviço. Benedito acredita firmemente que esses acontecimentos têm conexões com as trágicas mortes ocorridas no garimpo e proferiu: "Garimpo que morre gente é o diabo para aparecer coisa".

Essas histórias de assombração dos garimpeiros representam uma mistura de medo, curiosidade e crenças. A sensação de ouvir batidas e conversas sem uma explicação aparente cria um ambiente sombrio e misterioso no garimpo. Além disso, o fato de Benedito ter presenciado um barulho forte, mas não ter encontrado nenhuma evidência física disso, intensifica a sensação de que algo sobrenatural está presente no local.

A crença de Benedito de que esses acontecimentos estão ligados às trágicas mortes ocorridas no garimpo reflete a visão de que a presença do sobrenatural está relacionada a eventos trágicos ou negativos. Essas histórias servem como uma forma de entretenimento para os garimpeiros, ao mesmo tempo em que reforçam a crença em forças invisíveis e misteriosas presentes em seu ambiente de trabalho.

O garimpo difere-se de outras atividades, nele o trabalho assalariado não é comum, o que existe são contratos informais o famoso "boca a boca" e outras distintas relações de pagamento. Segundo Bittencourt (2009), existe o sistema de trabalho individual, no qual o garimpeiro atua por conta própria ou em prol de sua família. Já a modalidade de meia-praça consiste na união de dois ou mais indivíduos, em que um fornece os equipamentos de trabalho e as condições básicas de sobrevivência, enquanto o outro executa as tarefas, havendo a divisão do resultado obtido.

No caso da porcentagem, o trabalhador recebe uma parcela proporcional ao que produz, enquanto o dono do garimpo se responsabiliza pelo fornecimento de alimentação e instrumentos necessários. Já a empreitada é caracterizada pelo contrato firmado para a realização do trabalho. Por sua vez, as diárias correspondem ao pagamento efetuado por dia de trabalho realizado. Vale ressaltar que em um garimpo podem existir diferentes formas de trabalho, dependendo das categorias profissionais, rentabilidade da área explorada e outras variáveis relevantes (Bittencourt, 2009).

De acordo com Milanês e Puppim (2009, p.534-546) “Os garimpeiros sempre foram bastante vulneráveis como grupo social, particularmente, devido às dívidas que contraem para se manter no negócio”, muitos investem na garimpagem mesmo com poucas condições, atrás do bamburro incerto em que a busca pode durar mais do que o dinheiro.

4.5 “Pra garimpeiro não falta nada”: vida social e financeira dos garimpeiros pedrosegudenses

A realidade vivenciada pelos garimpeiros na cidade de Pedro II aparentemente se destaca pela estabilidade tanto no aspecto social quanto financeiro. A expressão usada por um dos garimpeiros nos depoimentos relatados de que “não falta nada” reflete essa estabilidade, mas garantida pela solidariedade existente no garimpo durante momentos de dificuldades financeiras, como a falta de dinheiro.

Os garimpeiros afirmam receber apoio dos compradores de pedras de opala e dos donos de garimpo, que estão cientes das circunstâncias. Além disso, a COOGP também oferece assistência em momentos de necessidade. No entanto, nem tudo é perfeito, pois alguns garimpeiros optaram por deixar temporariamente o garimpo em busca de outras formas de sobrevivência, como o trabalho nas lavouras.

A solidariedade também está presente na relação entre garimpeiros, embora o bamburre não seja garantido para todos. No entanto, se um garimpeiro obtiver sucesso e encontrar, os outros também se beneficiarão um pouco com isso.

E aquele camarada que ele trabalhou a semana todinha e num achou nada, tava perto de você, você viu, achou uma pedra e vendeu, a primeira coisa que você faz logo é “rapaz vou ajudar esse camarada aqui porque é meu vizinho de garimpo, ele é meu vizinho de barreiro, eu vou ajudar ele, aí tira 300 conto, 200 conto tem deles que tira de 1000 reais e dá, (risadas) -bom demais, né? tem deles que tira de 1000 reais e dá.

Entre parcerias, camaradagens, trabalho duro e momentos de dificuldade financeira, os garimpeiros também encontram momentos de diversão. Antigamente, ao final do dia, eles costumavam se reunir nos campos de futebol, mas esse hábito tem se tornado menos frequente atualmente, principalmente devido à idade avançada de alguns garimpeiros. No entanto, o fim de semana

ainda é uma oportunidade para relaxar e se divertir, conforme relata um garimpeiro.

Final de semana por exemplo se juntavam alguns amigos do garimpo? Ah, aí se junta tudo, se junta tudo, ali naquela farra, pra garimpeiro não falta nada, farra como daquela ali, aquilo que tem, gasta com os outros, agora só que eles querem que vá mesmo só os garimpeiros, mas não quer que a família vão e as vezes a família fica desprotegida de alguma coisa dentro de casa, e ele lá usando do bom e do melhor porque lá tem a comida tem a bebida, tem tudo, né? Você sabe que homem é assim.

Ao analisar esse depoimento, percebo a importância das memórias e histórias desses trabalhadores para a preservação da cultura e identidade local. O relato revela momentos de confraternização entre os garimpeiros, nos quais eles se juntam para aproveitar o final de semana e usufruir de bons momentos, fazendo festas e gastando dinheiro com comida e bebida.

No entanto, o depoimento também traz à tona a preocupação do garimpeiro com o bem-estar de sua família, achando um pouco injusto de determinadas festas serem exclusivas dos garimpeiros. Enquanto se diverte, sua família pode ficar desprotegida dentro de casa, sem a presença do provedor e possivelmente exposta a riscos. Essa dinâmica evidencia os desafios enfrentados pelos garimpeiros em conciliar sua vida profissional com as responsabilidades familiares.

Essas histórias e memórias são fundamentais para entendermos a realidade vivida pelos garimpeiros de Pedro II e sua importância para o desenvolvimento social e econômico da cidade. Além disso, ao garimpar mais histórias e memórias, é possível enriquecer o acervo cultural da região, preservando tradições e valorizando a identidade local.

Portanto, é fundamental valorizar e estimular a coleta e preservação dessas memórias e histórias, seja por meio de registros escritos, entrevistas, documentários ou qualquer outro meio que permita eternizar como pedra preciosa essas vivências. Dessa forma, garantimos que as gerações futuras conheçam e valorizem a trajetória dos garimpeiros de Pedro II, contribuindo para o fortalecimento da identidade cultural da comunidade e para o resgate de sua história.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo da pesquisa foi estudar, por meio das memórias dos garimpeiros de Pedro II, suas experiências e vivências, a fim de compreender suas especificidades, problemáticas e a história que se desenvolveu a partir das atividades de garimpo.

Ao longo do percurso da pesquisa, foi possível identificar um horizonte rico e detalhado de experiências nas trajetórias dos garimpeiros e constatar a importância de reconstituir esta história, reconhecendo que há muito o que “garimpar”, pois isto ajuda a entender o cotidiano dos garimpeiros e sua realidade através do destaque de suas narrativas.

Ao mergulhar mesmo que numa iniciação a pesquisa na vida desses trabalhadores, foi possível compreender a dura realidade de seu trabalho árduo em busca de opalas e como suas histórias moldam sua identidade.

A história oral e as discussões realizadas permitiram uma compreensão detalhada da mineração no Brasil e em Pedro II, desde tempos antigos até os dias atuais. A investigação também ressalta a importância de valorizar as memórias dos garimpeiros, reconhecendo-as como parte essencial de sua identidade e sua relevância para a cadeia produtiva da opala.

Por fim, a pesquisa revela memórias com o intuito de colaborar para que essas memórias “garimpadas” sobrevivam ao tempo e possam ser reconhecidas como parte da identidade desses trabalhadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CORRIDA DO OURO

<<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/corrída-do-ouro-em-serra-pelada/noticia/corrída-do-ouro-em-serra-pelada.ghtml>>. Acesso em: 26 maio. 2023

BARROS, José D.'Assunção. **Fontes históricas: introdução aos seus usos historiográficos**. Editora Vozes, 2019.

BEZERRA, Sandra Nancy Ramos Freire. **Oralidade, memória e tradição nas narrativas de assombrações na região do Cariri**. Fortaleza. 2011, p. 48.

BOXER, Charles Ralph (1963) **A idade de ouro do Brasil**: dores de crescimento de uma sociedade colonial. Rio de Janeiro, Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II. 2 Idem, (1969) São Paulo, Companhia Editora Nacional, 2ª. ed., revista.

BRANDÃO, Fernanda Silva. **Cidade educadora**—as minas de opala da cidade de Pedro II, PI, Brasil, patrimônio natural geológico e geomorfológico como instrumento potencializador da capacidade educativa formal e informal da comunidade. 2022. Tese de Doutorado. 00500:: Universidade de Coimbra.

CHRIST, Flaviane Mônica et al. **Garimpeiros da Amazônia (1970-2000)**. 2020. **Corrida do ouro em Serra Pelada**. Disponível em:

COSTA, L. R. **Homens de ouro**: trabalho e conhecimento entre os garimpeiros clandestinos de ouro da região de Mariana. 2002. 120p.

DELGADO, L. de A. N. História oral e narrativa: tempo, memória e identidades. **História Oral**, [S. l.], v. 6, 2009. DOI: 10.51880/ho.v6i0.62. Disponível em: <https://revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/62>. Acesso em: 25 jun. 2023. Dissertação (Mestrado em Extensão Rural) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG, 2002.

DOS SANTOS, Valdeci Ferreira et al. **Catástrofes na indústria de mineração**: comportamentos executivos e a relação de poder entre mineradoras, o estado e a sociedade como fatores disruptivos do caos. *Brazilian Journal of Development*, 2020., 6, 31461-31478. <https://doi.org/10.34117/bjdv6n5-560> .

FAUSTO, Boris. **História concisa do Brasil**. São Paulo: Edusp/Imprensa Oficial do Estado, 2001.

GOMES, Laurentino. **Escravidão** – Vol. 2: Da corrida do ouro em Minas Gerais até a chegada da corte de dom João ao Brasil. Globo Livros, 2021.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo, Vértice, 1990, p.25-89

Le Goff, Jacques, **História e memória** / Jacques Le Goff. Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.

MARTINS, Cynthia C. **Os deslocamentos como categoria de análise: O garimpo, lugar de se passar; roça, onde se fica e o babaçu nossa poupança.** Manaus: Universidade do Estado do Amazonas, 2012.

MATHIS, Armin. Garimpos de ouro na Amazônia: atores sociais, relações de trabalho e condições de vida (Paper 037). **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, 1995.

MILANEZ, Bruno; PUPPIM, José Antonio. **Ambiente, pessoas e labor: APLs além do desenvolvimento econômico na mineração de opalas em Pedro II, no Piauí.** Cadernos EBAPE.BR, v. 7, n. 4, p. 546, 2009.

MOURA, Salvador Tavares de et al. **Serra Pelada: experiência, memórias e disputas.** 2008.

NORA, Pierre et al. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v. 10, 1993.

PINHEIRO, D. M.; VIEIRA, D. N. DE S.; SILVA, D. M. DA. GARIMPEIROS DE SERRA PELADA: **História, Direitos e dificuldades enfrentada** in: As ciências humanas e as análises sobre fenômenos sociais e culturais. [s.l.] Atena Editora, 2022. p. 246–254.

PINTO, Jax Nildo Aragão; BARBALHO, Marcelo; DE SOUZA PORTO, Marcelo Firpo. **DO SONHO DO OURO AO ACESSO À TERRA: signos da violência em Serra Pelada e histórias de vida em Palmares II.** Revista Observatório, v. 6, n. 5, p. a8pt-a8pt, 2020.

RUSSELL-WOOD, A. J. R. **O Brasil colonial: o ciclo do ouro, c. 1690-1750.** p. 476–477, 1999.

SACHS, Liliane Lavoura Bueno et al. **Projeto avaliação dos depósitos de opalas de Pedro II.** Teresina: CPRM, 2015.

SOUZA, Tânia MF de; REIS, Liana. **Técnicas mineratórias e escravidão nas Minas Gerais dos séculos XVIII e XIX: uma análise comparativa introdutória.** Seminário sobre a Economia Mineira, v. 9, p. 1-23, 2006.

THOMPSON, Edward Palmer. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1987.